

Estudos

Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre
Gênero e Feminismo 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-790-1 DOI 10.22533/at.ed.901192111</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NOTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA SAÚDE PÚBLICA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITO	
Izadora Ribeiro Silva Costa Lina Maria Brandão de Aras	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111	
CAPÍTULO 2	13
O CORPO E O GÊNERO NO CURRÍCULO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE	
Murilena Pinheiro de Almeida Marco Antonio Leandro Barzano Cleyde Oliveira de Castro Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cenair Felini Soares	
DOI 10.22533/at.ed.9011921112	
CAPÍTULO 3	28
O SILENCIAMENTO DA DOR: FEMINICÍDIO NA BAHIA ENTRE OS ANOS DE 2015 A 2018	
Fadja Mariana Fróes Rodrigues Tânia Rocha Andrade Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.9011921113	
CAPÍTULO 4	40
OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A INSTITUIÇÃO DE POLÍTICAS PARA MULHERES: UMA RELAÇÃO VISCERAL	
Maria Flávia Andrade Araújo Lisboa Tainá Rocha dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9011921115	
CAPÍTULO 5	52
POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO E SERVIÇO SOCIAL: UM DEBATE SOBRE A INTERSETORIALIDADE DAS POLÍTICAS SOCIAIS E OS DESAFIOS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DA/O ASSISTENTE SOCIAL	
Rosária de Fátima de Sá Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9011921116	
CAPÍTULO 6	64
POR UMA DRAMATURGIA FEMINISTA: JORNADAS DE F(R)ICÇÃO	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.9011921117	
CAPÍTULO 7	74
PARTEIRAS E DOULAS BRASILEIRAS: AUTONOMIA E ARTICULAÇÕES FEMINISTAS EM REDE	
Danielle Andrade Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9011921118	

CAPÍTULO 8 87

OS PROCESSOS PSICOSSOCIAIS DO USO ABUSIVO DO ÁLCOOL E AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DE MULHERES ADULTAS

Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Alexandra Soares dos Santos
José Euclimar Xavier de Menezes
Marcos Moura Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.9011921119

CAPÍTULO 9 96

RELAÇÕES DE GÊNERO E PLANEJAMENTO REPRODUTIVO EM RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS: NEGOCIAÇÕES, LIMITES E O PROTAGONISMO FEMININO

Suzianne Jackeline Gomes dos Santos
Mary Alves Mendes

DOI 10.22533/at.ed.9011921110

CAPÍTULO 10 108

REPERCUSSÕES HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Renato Santos de Oliveira
Ingrid de Souza Silva
Tatiane Pina Santos Linhares
Tatiana Tarrão dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.9011921111

CAPÍTULO 11 119

“SOMOS HUMANOS NA RUA”: USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS ATENDIDOS PELO PROJETO PONTO DE CIDADANIA

Alexandra Soares dos Santos
Ana Paula Almeida dos Santos
Rafael Antonio Oiticica de Miranda
Sueli Jesus Santana
Mônica Coutinho Cerqueira Lima

DOI 10.22533/at.ed.9011921112

CAPÍTULO 12 127

SEGREGAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO NOS ANOS DE 2002 E 2014

Débora Juliene Pereira Lima
Ana Márcia Rodrigues da Silva
Edna Raimunda Teodoro

DOI 10.22533/at.ed.9011921113

CAPÍTULO 13 138

TERRITÓRIO DE NARRATIVAS: LOCAIS DESTINADOS ÀS MULHERES NOS DISCURSOS PRODUZIDOS NOS MUSEUS DO CENTRO HISTÓRICO BELENENSE

Silvia Raquel de Souza Pantoja
Melissa Walesk de Oliveira Dias Souza

DOI 10.22533/at.ed.9011921114

CAPÍTULO 14	148
TRABALHO, POLÍTICA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA E O RESGATE DO FEMINISMO	
Fernanda Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.90119211115	
CAPÍTULO 15	158
TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNERAS(OS) EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE: NORMATIVAS BRASILEIRAS	
Gabriela Bothrel Echeveria	
Vivianny Kelly Galvão	
Verônica Teixeira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.90119211116	
CAPÍTULO 16	169
VADIAGENS DA CIÊNCIA-EXPERIÊNCIA: GINGANDO NUMA RODA MULTIRREFERENCIAL COM CAROLINA DE JESUS, INAICYRA FALCÃO E ELZA SOARES	
Régia Mabel da Silva Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.90119211117	
CAPÍTULO 17	178
UM CORPO NEGRO EM DIÁSPORA NA PRODUÇÃO DE UMA ATENÇÃO À SAÚDE FEMINISTA E ANTIRRACISTA	
Lais Alves Porto	
DOI 10.22533/at.ed.90119211118	
CAPÍTULO 18	184
MULHERES NA LUTA POR PARTICIPAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA EXPERIÊNCIA RECENTE EM NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (SE)	
Itanamara Guedes Cavalcante	
Maria do Carmo Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111819	
CAPÍTULO 19	196
SAÚDE INTEGRAL À SAÚDE DA MULHER: DESAFIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Divanise Suruagy Correia	
João Klínio Cavalcante	
Laura Marques Angelo Neto	
Maria das Graças Monte Mello Taveira	
Viviane Maria Cavalcante Tavares	
Sandra Lopes Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.9011921111820	
SOBRE A ORGANIZADORA	207
ÍNDICE REMISSIVO	208

TRABALHO, POLÍTICA E GÊNERO: O PAPEL DA MULHER NA HISTÓRIA E O RESGATE DO FEMINISMO

Fernanda Andrade Silva

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, São Cristovão – Sergipe.

RESUMO: Este artigo pretende refletir acerca da importância da inserção da mulher na política e no mundo do trabalho no Brasil. Mostra que o sistema de representações construído historicamente criou e recriou estereótipos para a mulher, seja ela trabalhadora ou não. A emergência dos movimentos sociais vem projetando no país outra concepção de cidadania, baseada no trabalho, na vida e na luta social. Foi a partir desse problema que esse artigo procura desenvolver uma investigação cujo resultado se configurasse como uma pesquisa capaz de permitir a compreensão dos fatos acima descritos, investigando, sobretudo, do ponto de vista histórico-cultural, os diferentes condicionantes dessa realidade. Os resultados apontam para uma experiência bem sucedida, mulheres que romperam com a ordem vigente e resolveram se engajar em movimento coletivo exercendo uma cidadania com capacidade para enfrentar os problemas cotidianos da coletividade, da exploração, da miséria, da desigualdade social, muito presente ainda na formação da sociedade brasileira.

PALAVRA-CHAVE: gênero – memória –

política – sindicalismo - trabalho.

WORK, POLICY AND GENDER: THE ROLE OF WOMEN IN HISTORY AND THE RESCUE OF FEMINISM

ABSTRACT: This article reflects on the importance of women's inclusion in politics and the world of work in Brazil. Shows that the system of representations built historically created and recreated stereotypes for women, whether working or not. The emergence of social movements in the country has been designing another conception of citizenship based on work, life and social struggle. It was this problem that this article seeks to develop an investigation whose results are configuring it as a research able to allow the understanding of the above facts, investigating, especially the historical-cultural point of view, different conditions of this reality. The results point to a successful experience, women who broke with the existing order and decided to engage in collective movement exerting a citizenship able to cope with the everyday problems of the community, exploitation, poverty, social inequality, very present still in formation of Brazilian society.

KEYWORD: gender – memory – policy – unionism - job.

1 | INTRODUÇÃO

As transformações sociais ocorridas na década de 60 em Alagoas criaram as condições necessárias para a construção da mulher como sujeito políticos. Isso se deve não somente pela inserção da mulher no mercado de trabalho e à universidade, mas também pela sua própria consciência e participação política na sociedade. Sendo assim, é importante questionar o papel da mulher diante dessas transformações na sociedade brasileira, assim como as atividades em família e o seu papel nesse novo contexto.

A partir dessa perspectiva, discute-se a relação entre mulher e sua participação na política, entendendo que a partir dos anos 60 e bem metade dos 70, o espaço público era reservado ao homem, o qual estava inserido mais facilmente na vida social. Dessa forma, surgiram inquietações, as mulheres envolvidas com a revolução cultural-sexual adentraram o espaço público e político que até então era consagrado a pessoas do sexo masculino, criaram grupos de trabalhadores e trabalhadoras que faziam reivindicações pelos seus direitos e buscavam melhores condições de vida (TELES, 1993. P. 60-61). O fato das mulheres resolverem se organizar em movimentos e sindicatos, demonstra a visão política que elas tinham e o anseio por se tornarem protagonistas da sua própria história.

Este trabalho apresenta reflexões, ao tratar de movimento feminista e trabalho feminino, faz referência à história de mulheres que foram contrárias à ordem vigente de sua época. Sendo assim, os elementos aqui desenvolvidos seguem uma reflexão teórico-históricas explanada por Teles (1993), em sua obra “Breve história do feminismo”, a autora retrata como as mulheres trabalhadoras se reuniram em associações em busca de melhorias no trabalho, e, principalmente, contra a discriminação existente, sendo São Paulo o estado pioneiro no Brasil a despertar para esse movimento, primeiro em associações de bairros e creches e logo após em paróquias da cidade (TELES, 1993.p-75).

Para realização desse trabalho foram importantes os estudos de autores que se preocuparam com a condição feminina e a ruptura de valores acerca do papel da mulher na sociedade brasileira no século XX. Um desses estudos sobre mulher destaca-se o de Heleieth Saffioti (1969), que analisa a estrutura familiar, a educação da mulher, a presença feminina como força de trabalho e as lutas feministas, a fim de compreender o papel reservado a mulher na sociedade; também foram utilizados como aportes teóricos, Teles (1993) e Margareth Rago (2000), em “Trabalho feminino e sexualidade”, que enfatiza a associação entre a mulher no trabalho e a questão da moralidade social, onde inicialmente a vida pública estava associada ao homem e as mulheres ocupavam cargos secundários, de menor importância ou improdutivos; Maurice Halbwachs (1990), Thompson (1992), Benjamin (1983) que se ocuparam com memória e História Oral, e Jacques Le Goff, em História e Memória. Trata-se, sobretudo de colocar abertamente questões concernente ao modo de análise dos

papéis sexuais e suscitar indagações quanto às formas pelas quais a historiografia recente pode se apropriar do campo do estudo do feminismo.

2 | MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

O termo memória nos remete a princípio, sobre algo relativo às funções psíquicas, as quais se encontram diretamente ligadas a um período de tempo cujo já aconteceu. O ato de lembrar, não é uma ação apenas de um único indivíduo, mas sim pertencente a uma coletividade. De acordo com Maurice Halbwachs (1990), “a memória é um punhado de narrações, que se contrapõem entre si formando as lembranças”. O autor (Halbwachs, 1990) ressalta ainda o poder de exatidão a qual a lembrança tem, quando esta se encontra estribada com as dos outros. Para perceber e sentir a lembrança, Halbwachs evidencia que não há necessidade de presença real de pessoas ou objetos, apenas evocar em pensamento para que as lembranças sejam concretas no determinado presente. Dessa maneira, essa lembrança é uma recriação de um passado em comum, ou seja, de uma memória coletiva e inserida num contexto familiar e social. “Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não confundem.” (HALBWACHS, 1990.p-26)

A consistência de determinada lembrança está sujeita ao valor que o grupo deposita internamente, do contrário, ela se ofusca em detrimento do proveito dos participantes nessa associação. Outro ponto relevante é acerca da memória individual, ela possui a capacidade de se conservar, pois a memória coletiva, isoladamente não explica todos os fatos por si só, senão que as declarações se harmonizem.

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aqueles e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990.p-33).

Contudo, a especificidade da história é ligar o passado, ao presente e restaurar essas lacunas existentes. A memória coletiva, como o próprio termo identifica, é a capacidade de transportar relatos, ou depoimentos ainda ferventes de um grupo. Portanto, cada novo ato, tudo se renova, por conseguinte, emergindo novas interpretações. A permanência de certas memórias depende do prolongamento da vida dos indivíduos de cada grupo, pois são essas pessoas que tornarão essas lembranças vivas na sociedade repassando as histórias de geração em geração. “Se a duração da vida humana for duplicada ou triplicada, o campo da memória coletiva, medido em unidade de tempo, será bem mais extenso.” (HALBWACHS, 1990.p-83).

Dessa maneira, segundo Berson (1999), as seleções das imagens são feitas através de mecanismos fisiológicos, estes por sua vez mobilizam o agente propulsor de tudo, que é o cérebro. Portanto, o externo, ou imagem é acoplado ao cérebro

tornando uma única peça (BERSON, 1999.p-14). Ainda de acordo com o autor, o corpo ou matéria é uma ferramenta capaz de exteriorizar e assimilar imagens, criando assim a memória ou lembranças. Eclea Bosi (1994), ao se estudar Berson (1999) afirma que as imagens guardadas são respostas que o próprio corpo desenvolve, a partir de experiências com o meio externo e tudo o que rodeia. (BOSI, 1994.p-44)

Segundo a autora, as imagens exteriores juntamente com a linguagem, por sua vez acabam por se transformar em lembranças. O ato de narrar essas lembranças é justamente a consequência de uma vivência coletiva, de troca de experiências. (BOSI, 1994.p-85). E assim, Eclea Bosi (1994) vai retratar o que Benjamin (1983) aborda mais adiante: A carência de narradores, a escassez de comunicação entre os indivíduos, demonstrando o que é feito com a preservação dessa reminiscência. “Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da sua história, a de seu nascimento, vida e morte. E a morte sela suas histórias com o selo do perdurável ” (BOSI, 1994.p-88). Michael Pollak (1989), assim como Halbwachs (1990), acentua a importância da cultura para memória coletiva, e esta por sua vez é cercada por hierarquias, as quais contribuem para sua singularidade. Toda essa memória acontece em um determinado período e esse fator é, primordial ao se estudar memória. Por isso, Pollak (1989) ressalta que a memória coletiva tem a função de conservar e tornar harmônica o que um determinado grupo tem em comum. “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLACK,1989. P 07).

Sendo assim, para que esta memória seja perpetuada ela necessita aparecer e a história oral se tornou o principal meio pelo qual, trouxe a tona, discursos os quais estavam à margem da história, denominados por Pollak como memórias subterrâneas. “Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias recorrentes” (POLLACK, 1989.p-02). Diferenciando-se de Halbwachs, Pollack acredita, pois, no seu ponto de vista, que a memória marginal uniformiza e dar maior valorização à história. A partir de um momento em que as memórias são disputadas, o que estava em silêncio é então submerso (POLLACK, 1989.p-03).

Conforme Le Goff (1990) afirma, a memória refere-se à linguagem, como fundamento aglutinador e comportamental do indivíduo e depositado no seu inconsciente. E esse lembrar é algo manipulado pelos grupos dominantes, os quais selecionam o que será ou não esquecido. Para Le Goff (1990), as sociedades sem escrita são preferencialmente denominadas por memória coletiva, distinta, porém pouco abrangente. Para ele, a história coletiva se entremeia tanto aos costumes, que acaba por embaralhar o que é de fato história, e o que hipoteticamente existe. “A história dos inícios torna-se assim, para retomar uma expressão de Malinowski, um “cantar mítico” da tradição” (LE GOFF, 1990, p-370).

Contudo, as primeiras civilizações não detinham a capacidade de escrita,

transmitindo e imortalizando a sua memória através de monumentos e esculturas. O que Le Goff quer especificar é que esse documento quer seja em pedra, ou papel, contém a função de tornar essa recordação célebre. “Todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta” (LE GOFF, 1990, P-374).

Ap princípio Benjamin (1983) vai tratar da escassez de uma narrativa propriamente dita, já que ele mesmo afirma que na atualidade as pessoas tem se distanciado e essa narração só é realmente verdadeira a partir da experiência, do convívio com os outros: “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção” (BENJAMIN, 1983, p-198).

Benjamin (1983), assim como Halbwachs (1990), enfatiza que essa memória, ou como ele próprio cita de narrativa, advém de experiências e isso é nada mais, nada menos que a coletividade. Portanto, ele descreve que a história se eterniza a partir do exercício social que é se comunicar.

O conceito de memória remonta das sociedades da antiguidade clássica, como a grega, e seu surgimento inteligivelmente é demonstrado através do mito.

Os gregos da época arcaica fizeram da Memória uma deusa, Mnemosine. É a mãe das nove musas que ela procriou no decurso de nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seus altos feitos, preside a poesia lírica (LE GOFF, 1990.p-378).

Em “*O Narrador*”, Benjamin (1983) deixa evidente a crítica que faz a sociedade moderna, com sua problemática central, que é o aparecimento de uma nova forma de fazer história, ou seja, de que tudo mudou. Assim, preocupa-se com a coletividade, já que não há trocas de experiências, consentindo lacunas temporais entre os sujeitos dessas sociedades contemporâneas, ocasionando um esfacelamento coletivo juntamente com a acomodação dos indivíduos.

3 | HISTÓRIA ORAL

A partir da Nova História, foi possível uma abertura maior de possibilidades de pensar a história. Para essa nova história, os elementos coletivos são importantes no enredo da história, porém o foco particular, os individuais, é valorizado quebrando com os paradigmas tradicionais. Essa nova perspectiva manifestou-se juntamente com o surgimento da Escola dos Annales, assim também como o desenvolvimento da Micro-História, o que transformou o panorama da história contemporânea mundial.

A História Oral se desenvolveu após a II guerra mundial, com a necessidade de conhecer a experiência dos indivíduos da época. Contudo, foi possível repensar a relação passado e presente na história, tornando assim a memória como também uma construção do passado, porém refletidas no presente. Sendo assim, foi possível aos historiadores uma ampliação não apenas nas relações sociais, mas também de técnicas e ferramentas de pesquisa, utilizando outras fontes além da escrita, tornando um auxílio multidisciplinar.

A ideia da história oral como história dos excluídos, dos marginalizados, acabou por se espalhar por todo o mundo através da obra “*A voz do passado: História oral*”, de Paul Thompson (1992), foi um marco e consolidou a percepção de uma história do povo, sendo contrária a história até então concebida como positivista. Obviamente essa nova forma de observar a história foi aceita com fortes resistências, por esse motivo abriu-se uma linha de estudos voltada para a classe dos trabalhadores e das minorias, pois não se admitia a nova conjuntura que diz que o passado é construído segundo as necessidades do presente. Sendo assim, segundo Thompson (1992), a história oral é uma história mais comovente e verdadeira, pois para o autor, as sociedades arcaicas não utilizavam a escrita, tinham que basear tudo de acordo com a cultura e a memorização, ou seja, a história oral sempre foi a história total desses povos.

Dessa maneira, a história oral participa como um importante papel na percepção das representações dos atores sociais sobre a própria história, ampliando e permitindo uma variedade de pontos de vista (THOMPSON, 1992.p-25).

4 | GÊNERO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS MULHERES

A proposta aqui apresentada tem como eixo o papel da mulher na história, refletindo acerca das relações de trabalho, seus valores ideológicos e políticos. Haja vista que são recentes as abordagens historiográficas sobre as mesmas em que se procura transpor o silêncio e a relativa invisibilidade a que estavam relegadas. Por conseguinte, busca-se resgatar as identidades coletivas, concedendo às mulheres a condição de sujeito da história. Segundo Rachel Soihet (1997), os estudos historiográficos sobre mulheres só foram possíveis a partir de uma mudança nos paradigmas do século XX, o qual começou a se dedicar a temáticas que até então se encontrava isoladas da história dita positivista. A História Cultural preocupou-se com identidades coletivas amplas, pluralizando sujeitos como objetos de investigação histórica facultando as mulheres, suas atribuições como sujeitos da história.

Como visto, a história positivista do século XIX foi considerado um retrocesso temático, devido ao seu teor político e público, onde são privilegiadas figuras públicas, excluindo assim as mulheres e os demais grupos pouco explorados. A partir da Escola dos Annales, foi possível o desligamento de uma historiografia que focava temas ideológicos, para se ativer a histórias reais. O Marxismo considerava um tema controverso e problemático, mas a partir da década de 60, correntes revisionistas Marxistas, que já se encontravam a par da história social, concebendo os grupos marginalizados, inclusive as mulheres como objeto histórico.

O desenvolvimento de novos campos como a história das mentalidades e a história cultural reforça o avanço na abordagem do feminino. Apoiam-se em outras disciplinas – tais como a literatura, a linguística, a psicanálise, e, principalmente a antropologia – com o intuito de desvendar as diversas dimensões desse objeto. Assim, a interdisciplinaridade, uma prática enfatizada nos últimos tempos pelos

Apopularização do movimento feminista nos anos 60 contribuiu para o surgimento da história das mulheres. Contudo, as reivindicações ocorridas nos Estados Unidos e em outros países desencadearam mobilizações a favor de universidades dedicadas ao estudo das mulheres. Dessa forma, as diversas pesquisas e estudos no campo da história das mulheres, fez crescer cada vez mais o reconhecimento do seu papel na história e na sociedade.

A importância do estudo da história das mulheres focou não apenas as suas reivindicações trabalhistas e sexistas, mas também uma incorporação e melhoramento na história. Joan Scott (1990) enfatiza a importância do movimento feminista da década de 60 nos Estados Unidos, onde ressalta a política feminina como ponto de partida dessa mudança. Para a autora, existe uma conexão entre a história das mulheres e a política. A partir da rigidez no próprio movimento feminista, em relação à identidade coletiva das mulheres, abre espaço para o questionamento da classe e suas adversidades (SOIHETE, 1997).

Portanto, o enfoque desses estudos é mostrar a relação entre homens e mulheres, e não a mulher a submissão do homem na história. Por esse motivo é criada a categoria de gênero a fim de estabelecer as questões sobre a diferença sexual, porém salientando que a construção social é feita a partir dos papéis de ambos na história, não pode ser estudado separadamente.

A questão de gênero é de suma importância para esta pesquisa, pois a partir da década de 70, o termo gênero foi utilizado para reforçar os estudos acerca da diferença sexual. O gênero se torna uma construção social para distinguir os papéis próprios aos homens e as mulheres. A abordagem de gênero também concerne o aspecto relacional entre homens e mulheres, onde nenhuma compreensão de qualquer um dos dois possa existir através de um estudo que os considere totalmente em separado. “Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos” (SCOTT, 1990.p-03). Sendo assim, gênero serve como recusa as justificativas biológicas de que existe sexo superior ao outro, contribuindo para a construção de identidades próprias.

5 | A LUTA DAS MULHERES

No que se refere às pesquisas voltadas aos movimentos de luta das mulheres, surgem duas vertentes: Os movimentos feministas, que visam à luta por direitos de cidadania das mulheres, e a outra que busca intervir no que não está de acordo.

Nas primeiras décadas do século XX, a mulher passou a trabalhar fora do lar para, muitas vezes, sustentar ou ajudar na renda familiar. Porém, esse trabalho feminino era visto com depreciação, ao passo que essa forma de trabalho era uma construção masculina:

Não é à toa que, até recentemente, falar das trabalhadoras urbanas no Brasil significava retratar um mundo de opressão e exploração demasiada, em que elas apareciam como figuras vitimizadas e sem nenhuma possibilidade de resistência. Sem rosto, sem corpo, a operária foi transformada numa figura passiva, sem expressão política nem contorno pessoal (RAGO, 2000.p-579).

Dessa forma, as mulheres tiveram que ultrapassar a barreira dos tabus, além dos assédios sexuais e morais para poder ocupar a vida pública que até então era estritamente masculina. Por sua vez, as mulheres de origem mais humilde e negra, eram qualificadas como destituídas de qualquer direito e cidadania, diferentemente das imigrantes europeias. Mesmo após anos da abolição da escravidão, as mulheres negras ainda permaneciam ocupando trabalhos que a sociedade na época considerava degradantes:

Os documentos oficiais e as estatísticas fornecidas por médicos e autoridades policiais revelam um grande número de negras e mulatas entre empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, doceiras, vendedoras de rua e prostitutas, e suas fotos não se encontram nos jornais de grande circulação do período – como o Correio Paulistano e o Estado de S. Paulo ou o Jornal do Comércio e A Noite, do Rio de Janeiro –, ao contrário do que ocorre com as imigrantes europeias (RAGO, 2000.p-583).

O que se enfatizava na época não era o fato das mulheres terem uma rotina exaustiva nas fábricas, ou que recebiam um salário muito abaixo do homem, mas sim que o trabalho feminino estava atrelado ao esfacelamento da família, a moral e os bons costumes. Logo, a mulher trabalhadora era vista como uma figura imoral por almejar um lugar na vida pública, haja vista a mulher está intrinsecamente atrelada à vida privada.

Muitos acreditavam, ao lado dos teóricos e economicistas ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade (RAGO, 2000.p-585).

Com a modernização das cidades, as elites trocaram o mundo rural pelos centros urbanos, e com isso as mentalidades e os costumes também foram se modificando. Porém, as relações familiares continuavam embasadas em um forte teor masculinizado, tanto nas camadas mais ricas, como as menos abastadas. Nesse contexto, o trabalho começou a ser um assunto bastante discutido, mas debatido ao lado da moralidade e relacionado à sexualidade e outras questões que denegriam a imagem da mulher que pretendia trabalhar fora do lar (RAGO, 2000: 589).

Portanto, é importante que saibamos sempre lembrar a luta dessas mulheres pelo espaço público em um país que ainda continua muito estigmatizado pela figura patriarcal e o preconceito. Então, é fundamental conservar a tradição de luta, pois apesar das modernizações, o Brasil ainda carrega fortemente a presença do clientelismo e a violência que perpassa a vida da mulher. As mulheres têm lutado nos

últimos anos para que o espaço público seja de fato democratizado, consolidando assim a questão feminina e a conquista dos seus direitos.

6 | CONCLUSÃO

Ao resgatar neste trabalho um pouco da história de mulheres trabalhadoras, aspectos sobre a questão de gênero, e sua luta em busca de visibilidade política, mostrou que a trajetória de vida dessas mulheres rompeu com a ordem vigente e que elas são protagonistas de uma história que não se resume apenas à vida familiar, mas sim encontraram uma forma de perpetuar seus discursos, suas alegrias e dramas. Por isso, as mulheres exerceram uma cidadania com capacidade para enfrentar os problemas cotidianos da coletividade, da exploração, da miséria, da desigualdade social, muito presente ainda na formação da sociedade brasileira.

Sendo assim, podemos afirmar que o princípio de muitas mulheres militantes que se envolveram com política, inseridas em um projeto coletivo que tinha como objetivo a luta de classe e melhores condições de vida, fez com que as colocassem em papel de evidência. E, com efeito, as conjunturas ligadas ao passado das mulheres as colocavam à margem da vida social daquela época. Elas, por conseguinte, acabam por desbaratar duas hierarquias: a de gênero, e a do poder.

Podemos dizer que a iniciativa dessas mulheres no contexto retratado, fez ressurgir a análise da problemática do papel feminino no trabalho, na vida social e de seu status em evidência. Sabemos o quanto é difícil esgotar um assunto de tão grande dimensão como este, mas é possível uma reflexão a fim de que se dê continuidade desses estudos, pois a história se faz no cotidiano, com pessoas comuns e vidas distintas. Esperamos que a pesquisa realizada, em torno das questões femininas, em especial mulheres trabalhadoras, possa contribuir para levantamentos posteriores que possibilitem análises mais aprofundadas acerca do tema proposto.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho**. 3.ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio Sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8.ed. São Paulo. Cortez, 2002.

_____. **O que é Sindicalismo?** Primeiros Passos. 18.ed. São Paulo. Brasiliense, 1991.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. Trad. José Lino Grünnewald (et. al). São Paulo, Abril Cultural, 1983.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo, Companhia das letras, 1994.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. São Paulo. Banco de dados da Fundação Carlos Chagas, 2007.

- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, s/d. PP. 423-477. São Paulo, 1990.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo. Boitempo, 2004.
- _____. **O Capital**. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo. Nova Cultural, 1996. V.1.
- _____. **A Ideologia Alemã**. Trad. Luiz Cláudio da Costa e Silva. São Paulo. Martins Fontes, 2002.
- PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Revista Brasileira de História. São Paulo, 1989.
- POLLACK, Michel. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2 (3), 1989.
- RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In. Mary Del Priori; História das mulheres do Brasil. 3.ed. São Paulo. Contexto, 2000.
- SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovanni. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis. Vozes, 1969.
- SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica**. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife. Corpo e Cidadania, 1990.
- _____. **História das mulheres**. In. BURKE, Peter. A Escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo. Unesp, 1992.
- SOIHETE, Rachel. **História das mulheres**. In. CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Rio de Janeiro. Campus, 1997.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo. Brasiliense, 1993.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. I. A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- VIANNA, Cláudia. **Os nós dos “nós”**: crise e perspectivas da ação docente em São Paulo. São Paulo. Xamã, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alcoolismo 6, 87, 88, 89, 93, 94, 123

Anti-racismo 178

Atenção à saúde 7, 10, 124, 178, 179, 180, 181, 182, 197, 198, 200, 205

Autobiografia 64, 65

C

Cárcere 158, 160, 162, 163, 164, 166

Carolina de Jesus 144, 169, 170, 171, 172, 176

Ciberativismo 74, 77, 85

Corpo Humano 13, 14, 15, 16, 19, 25, 26

Currículo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 79

D

Diversidade 25, 98, 104, 108, 113, 115, 118, 143, 170, 173, 179, 184, 185, 190

Dramaturgia de F(r)icção 64

E

Educação 1, 3, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 37, 45, 50, 51, 58, 61, 90, 94, 112, 117, 118, 121, 134, 136, 138, 143, 144, 149, 165, 167, 172, 173, 177, 192, 200, 205, 206, 207

Elza Soares 169, 170, 174, 176

Ensino de Ciências 13, 14, 16, 19, 24, 25, 26

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 152, 153, 205, 206

Escola primária 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 25, 26

Estado da Bahia 28, 30, 33, 35, 37, 38, 108, 112

Estratégias negras de resistência 169, 175

Exclusão social 116, 119, 121, 123, 126, 161

Extensão universitária 196, 199

F

Fatores psicossociais 87, 88, 89

Feminicídio 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 190

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 67, 74, 85, 89, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 139, 146, 148, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161,

163, 164, 167, 170, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 204, 206

I

Inacyra Falcão 169, 170, 172, 176

L

Laqueadura 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105

Legislação 28, 30, 38, 49, 55, 57, 82, 129, 158, 163, 166

Lutas 41, 43, 50, 55, 68, 142, 149, 173, 184, 187, 194, 198

M

Memória 26, 50, 138, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 157, 161

Mercado de trabalho 4, 18, 46, 48, 88, 127, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 149, 180, 183, 188

Movimentos feministas 40, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 55, 97, 154, 190

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 68, 72, 76, 77, 78, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 98, 100, 102, 103, 116, 129, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 148, 149, 153, 154, 155, 157, 166, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 114, 116, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 171, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206

Museologia 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Museu 13, 16, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

N

Normativas 79, 117, 158, 164, 165, 166, 167

P

Parteiras e doulas brasileiras 74

Participação 31, 48, 49, 55, 68, 79, 85, 100, 105, 121, 129, 133, 134, 136, 149, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 198, 202, 203

Performance 64, 65, 66, 69, 70, 72, 88, 176

Política 5, 6, 7, 8, 10, 20, 21, 27, 29, 43, 48, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 66, 74, 79, 88, 89, 109, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 139, 143, 148, 149, 154, 155, 156, 160, 165, 166, 171, 172, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 201, 205

Políticas para as mulheres 11, 40
Políticas públicas 30, 33, 37, 38, 46, 48, 49, 51, 52, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 119, 121, 122, 124, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 197, 199
População em situação de rua 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125
População “T” 158
Projeto ponto de cidadania 119, 120
Psicologia 87, 89, 93, 108, 109, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 200, 206

R

Redes sociais digitais 74
Relações de gênero 3, 4, 9, 11, 38, 48, 50, 52, 53, 54, 58, 60, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 137, 180, 204
Representação social 13, 23, 89, 92, 119, 122, 124, 144
Reprodução 42, 52, 54, 55, 56, 96, 97, 103, 104, 106, 107, 197

S

Saúde 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 23, 25, 27, 55, 75, 76, 79, 82, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 110, 112, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 134, 163, 165, 168, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206
Saúde da família 8, 112, 193, 196, 198, 200, 205, 206
Saúde da mulher 2, 3, 7, 184, 196, 197, 198, 200, 201, 205
Saúde integral 181, 196, 200
Segregação 45, 114, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137
Sexualidade 4, 15, 20, 31, 36, 75, 97, 100, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 139, 146, 149, 155, 157, 196, 200, 201, 203, 207
Sindicalismo 148, 156

T

Trabalho 2, 4, 5, 6, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 40, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 72, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 92, 93, 96, 99, 103, 104, 107, 108, 111, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 188, 191, 193, 196, 198, 199, 202, 205, 206

V

Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 22, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 65, 75, 87, 90, 91, 93, 95, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 122, 155, 158, 159, 160, 161, 167, 175, 181, 183, 184, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206
Vulnerabilidade 4, 119, 121, 161, 164, 168, 193